



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA DO TOCANTINS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MATHEUS BARREIRA SILVA

**O TEMPO ENTRE BAUMAN E FREUD: UMA INTERLOCUÇÃO A PARTIR DA
MEDICALIZAÇÃO DO MAL-ESTAR NA CONTEMPORANEIDADE**

MIRACEMA DO TOCANTINS, TO

2023

Matheus Barreira Silva

O tempo entre Bauman e Freud: uma interlocução a partir da medicalização do mal-estar na contemporaneidade

Artigo apresentado à Universidade Federal do Tocantins (UFT), Câmpus Universitário de Miracema do Tocantins para obtenção do título de bacharel em Psicologia.

Orientador (a): Professor Dr. Ricardo Monteiro Guedes de Almeida

Miracema do Tocantins, TO

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- S586t Silva, Matheus Barreira.
O tempo entre Bauman e Freud: uma interlocução a partir da medicalização do mal-estar na contemporaneidade. / Matheus Barreira Silva. – Miracema, TO, 2023.
25 f.
- Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Miracema - Curso de Psicologia, 2023.
Orientador: Ricardo Monteiro Guedes de Almeida
1. Tempo. 2. Mal-estar. 3. Contemporaneidade. 4. Medicalização. I. Título

CDD 150

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

MATHEUS BARREIRA SILVA

O TEMPO ENTRE BAUMAN E FREUD: UMA INTERLOCUÇÃO A PARTIR DA
MEDICALIZAÇÃO DO MAL-ESTAR NA CONTEMPORANEIDADE

Artigo apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Miracema do Tocantins, Curso de Psicologia foi avaliado para a obtenção do título de bacharel e aprovada(o) em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 11/12/2023

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Ricardo Monteiro Guedes de Almeida – Orientador, UFT.

Dra. Brendali Dias – Examinadora.

Profa. Dra. Jamile Luz Morais Monteiro – Examinadora, UFT.

Thales Alves Castanheira,
o amigo atemporal.

RESUMO

Este artigo, teve como objetivo discutir os processos sociais e sociológicos que envolvem a medicalização e o mal-estar na contemporaneidade, tomando como base os textos de Bauman e Freud. Este trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa de revisão bibliográfica narrativa. A análise do tema foi desenvolvida a partir do princípio da constituição do tempo com relação a sociedade, abrangendo ações que influenciaram a medicalização na vida contemporânea, a interlocução iniciada por Bauman expõe os aspectos sociais e sociológicos na contemporaneidade, formando assim a base teórica deste material, em sequência foi exposto os apontamentos de Freud, com relação aos aspectos individuais e civilizatórios que contribuíram para o mal-estar em nossa sociedade. Concluiu-se que os processos de medicalização são vistos como forma de lidar com esse mal-estar, ao passo que, há uma aceleração subjetiva do tempo na contemporaneidade e os sujeitos contemporâneos são influenciados por uma lógica capitalista neoliberal de que “tempo é dinheiro”. O mal-estar e o sofrimento rapidamente ganharam destaque e a medicalização passou a ser vista na sociedade atual como única saída eficaz de eliminar tal sofrimento sendo uma estratégia que deva ser repensada, visto que o sofrimento é algo inerente à vida humana.

Palavras-chaves: Tempo. Mal-estar. Contemporaneidade. Medicalização

ABSTRACT

This article aimed to discuss the social and sociological processes that involve medicalization and discontent in contemporary times, based on the texts of Bauman and Freud. This work is a qualitative narrative bibliographic review research. The analysis of the theme was developed based on the principle of the constitution of time in relation to society, covering actions that influenced medicalization in contemporary life. The dialogue initiated by Bauman exposes the social and sociological aspects in contemporary times, thus forming the theoretical basis of this material. Subsequently, Freud's notes exposed the individual and civilizing aspects that contributed to the discontent in our society. It was concluded that medicalization processes are seen as a way of dealing with this discontent, while there is a subjective acceleration of time in contemporary times and contemporary subjects are influenced by a neoliberal capitalist logic that "time is money". Discontent and suffering quickly gained prominence and medicalization began to be seen in today's society as the only effective way to eliminate such suffering, being a strategy that must be rethought, since suffering is something inherent to human life.

Keywords: Time. Discontent. Contemporary. Medicalization.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CID	Classificação Internacional de Doenças
DSM	Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	OBJETIVOS.....	11
2.1	Objetivo geral.....	11
2.2	Objetivos específicos.....	11
3	JUSTIFICATIVA.....	12
4	METODOLOGIA	13
5	RESULTADOS E DISCUSSÕES	14
5.1	Consumismo, cultura e medicalização: o novo modus operandi na contemporaneidade	14
5.2	“O mal-estar na civilização” e a constituição do tempo em Freud, com vistas a medicalização na contemporaneidade.....	18
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
	REFERÊNCIAS	24

1 INTRODUÇÃO

Segundo o Dicio, (dicionário online de Português), a palavra “Tempo” é um substantivo masculino que se refere ao período contínuo em que os eventos ocorrem, representando a duração das coisas (presente, passado e futuro). É algo que pode ser medido através dos dias, meses ou anos, em um intervalo definido com base nos acontecimentos que nele ocorrem. Com essa definição em mente, surge uma questão intrigante: em nosso pensamento contemporâneo, o tempo está fortemente ligado ao relógio. Cronometrar e medir o tempo são partes integrantes da vida cotidiana. No entanto, a concepção de tempo se torna ainda mais fascinante quando abordada sob a perspectiva filosófica. O que, afinal, constitui a natureza do tempo? Essa pergunta ganha relevância à medida que se conecta com nossa experiência diária e nossa situação social.

Se não tivéssemos a capacidade de medir o tempo, como a humanidade responderia a essas questões e, mais ainda, como pensaríamos sobre o tempo? Quais seriam as características aparentes do tempo? Através de investigações, a ciência e a filosofia sempre buscaram contribuir para a compreensão deste tema importante que permeia nossa vida em sociedade, com o objetivo de explicar algo que não podemos ver ou sentir. O mito de Cronos, por exemplo, representava uma interpretação abstrata do tempo na Grécia Antiga. Da mesma forma, muitos outros mitos e histórias foram concebidos para simplificar a compreensão de questões ainda não resolvidas.

Em última análise, quando pensamos em tempo, geralmente idealizamos um relógio ou algo relacionado ao clima. Essa concepção é um produto do pensamento moderno. Leach (1974) argumenta que existem três formas básicas de perceber a existência do tempo: a repetição de eventos (como gotas caindo de uma torneira, o ciclo das estações do ano, as fases da lua); a entropia nos objetos e em nós mesmos (nosso envelhecimento biológico, uma maçã apodrecendo, uma mesa se deteriorando); e observando a passagem relativa de uma coisa em relação à outra (por exemplo, uma maçã “envelhece” mais rápido que um ser humano). Segundo Leach, todas essas maneiras de sentir o tempo indicam que sua regularidade não é uma característica intrínseca da natureza, mas sim uma noção construída pelo homem. Sugerindo que projetamos essa noção em nosso ambiente para atender nossos próprios objetivos específicos.

De acordo com Bauman (2001), a interação da humanidade com o tempo iniciou-se com a modernidade. De fato, a modernidade pode ser vista, acima de tudo, como a história do tempo um período em que o tempo tem uma história. Esta relação entre tempo e história revela a

obsessão contínua da humanidade em manipular a estrutura do tempo. Bauman (2001) argumenta que o tempo se tornou um “hardware” que os humanos podem inventar, construir, apropriar, usar e controlar, ao invés de um “wetware” inalterável e imutável. Ele sustenta que o tempo difere do espaço porque, ao contrário deste último, pode ser alterado e manipulado. Assim, o tempo tornou-se um fator disruptivo, o parceiro dinâmico na relação tempo-espaço. A partir disso, começamos a consumir o tempo e, ao mesmo tempo, a ser consumidos por ele em um ciclo diário alimentado pelo discurso capitalista de que “tempo é dinheiro”. Para Bauman (2001), o tempo se tornou dinheiro depois de se tornar uma ferramenta voltada principalmente para superar a resistência do espaço: encurtar distâncias, superar obstáculos sem limites à ambição humana. Com esse recurso, foi possível estabelecer o objetivo de conquistar o espaço e iniciar sua implementação com seriedade.

Podemos associar o início da era moderna a diversas mudanças nas práticas humanas. No entanto, a emancipação do tempo em relação ao espaço, sua subordinação à inventividade e à capacidade das técnicas humanas, e conseqüentemente, a utilização do tempo como ferramenta para a conquista do espaço e apropriação de terras, são aspectos significativos. A modernidade nasceu sob as estrelas da aceleração e da conquista de terras. Essas estrelas formam uma constelação que contém todas as informações sobre seu caráter, conduta e destino (Bauman, 2001).

De acordo com Bauman (2001), a relação entre tempo e espaço deve ser vista como um processo em constante mudança e dinâmico, ao invés de algo predeterminado e imutável. A “conquista do espaço” passou a ser sinônimo de máquinas mais rápidas. O aumento da velocidade implicava em maior espaço, e acelerar o movimento tornou-se o único meio de expandir o espaço. Nesta corrida, a expansão espacial era o objetivo principal e o espaço seria o prêmio a ser conquistado; o espaço era o valor, enquanto o tempo era o instrumento utilizado para alcançá-lo.

Na contemporaneidade o tempo adquiriu uma função social de grande importância. Ele vai além da simples medição da duração dos eventos, atuando como um organizador das nossas atividades diárias, estabelecendo nossas rotinas e influenciando até mesmo nossas interações sociais. O tempo se transformou em um recurso precioso que, como sociedade, aprendemos a valorizar e administrar. Ele molda a maneira de como percebemos o mundo e a nós mesmos, sendo essencial para a forma de como compreendemos e vivenciamos a realidade.

Este trabalho se desenvolveu a partir da problematização do que seria “Tempo?”. Com base nas teorias de Bauman e Freud em relação ao mal-estar é possível notar que na sociedade contemporânea há uma fixação pela velocidade, essa pressa em resolver tudo no menor tempo

possível gerou necessidades perante o sofrimento, assim como feito ao tempo. Em meio a tanto padecimento, a indústria farmacêutica, juntamente com a medicina, se estabeleceu e passou a ditar os novos modos de organização social, baseando-se no intenso discurso da velocidade. O tempo se tornou apenas um mero detalhe e as lacunas do sofrimento já não são mais de grande importância, pois se tem o medicamento para tal padecimento. A partir disso, a medicalização ganhou destaque em nossa vida contemporânea, pois não há mais espaços para as reflexões intrínsecas ao sofrimento psíquico do sujeito. Este trabalho se pauta nas derivações que as mudanças sociais produzem no sujeito e nas subjetividades, a partir das teorias sociais de Bauman e Freud.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Analisar a medicalização do mal-estar na contemporaneidade à luz da concepção de tempo em Bauman e Freud.

2.2 Objetivos Específicos

- Identificar a concepção de tempo em Bauman e Freud.
- Analisar a relação entre medicalização e o mal-estar na contemporaneidade.
- Compreender como o tempo na contemporaneidade tem influenciado o uso excessivo da medicação e a relação do sujeito com o mal-estar.

3 JUSTIFICATIVA

Justifica-se a relevância deste trabalho pela importância, que o sofrimento e a medicalização têm na cultura e na nossa vida em sociedade, seguido ao fato de o mal-estar se relacionar diretamente ao sofrimento do indivíduo na contemporaneidade, o que torna a sua investigação importante para o campo psicanalítico, sociológico e também para a profissão da psicologia.

Compreender o mal-estar em nossa sociedade é uma tarefa de grande importância, considerando especialmente os diversos modos de subjetivação e padecimento existentes. À medida que o profissional de psicologia deve acompanhar as questões emergentes de seu tempo, visando o melhor direcionamento a assistência e escuta ao indivíduo em sofrimento, bem como a atualização dos conhecimentos desse profissional. Este trabalho segue alinhado ao código de ética profissional da Psicologia, estabelecido pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2005). Especialmente em relação aos seus princípios fundamentais III e IV:

III. O psicólogo atuará com responsabilidade social, analisando crítica e historicamente a realidade política, econômica, social e cultural [...] IV. O psicólogo atuará com responsabilidade, por meio do contínuo aprimoramento profissional, contribuindo para o desenvolvimento da Psicologia como campo científico de conhecimento e de prática (CFP, 2005, p. 7).

Sendo assim, na direção de acompanhar o contexto e produzir saber sobre as relações humanas, e da forma de como elas aparecem, esta pesquisa visa contribuir no sentido de pensar sobre o tempo e o contexto dos modos de organização social que influenciam a medicalização e quais prejuízos que podem acarretar no laço social, visando lidar futuramente com eventos e crises semelhantes à conjuntura atual, como o mal-estar e a medicalização. Além disso, é importante ressaltar que este estudo visa contribuir com a clínica psicanalítica, uma vez que é fundamental entender os efeitos a estruturação do laço social na vida psíquica dos sujeitos, entendendo que toda psicologia individual, é também uma psicologia social (FREUD, 1921/1996).

4 METODOLOGIA

Este trabalho trata-se de um estudo qualitativo de revisão narrativa da literatura. As revisões narrativas são publicações abrangentes, ideais para descrever, discutir e desenvolver o estado da arte de um deliberado assunto, seja do ponto de vista teórico ou contextual. Elas consistem principalmente na pesquisa e análise da literatura publicadas em livros, artigos ou bancos de dados online, seguido da análise crítica e pessoal do autor. Este tipo de artigo desempenha um papel essencial na educação continuada, visto que possibilita ao leitor a aquisição e revisão de conhecimentos de um determinado assunto, em um breve espaço de tempo (Rother, 2007), de maneira acessível, concisa e devidamente problematizada.

De acordo com Vosgerau e Romanowsk (2014) a revisão narrativa é constituída por uma análise ampla da literatura, sem estabelecer uma metodologia rigorosa e replicável em nível de reprodução de dados e respostas quantitativas para questões específicas. A revisão narrativa possibilita a exposição e caracterização teórico-reflexiva de estudos previamente desenvolvidos acerca de um tema pertinente e contemporâneo. Além disso, facilita o acesso e o processamento de novos conhecimentos e ideias sobre o tema estudado, possibilitando sua apresentação de forma resumida e em um curto espaço de tempo (Rodgers et al., 2007).

Para responder à questão norteadora, *“De que forma as teorizações de Bauman e Freud a respeito do conceito de tempo permitem compreender o uso excessivo da medicação diante do mal-estar na contemporaneidade?”* foi realizado a leitura e análise de livros e capítulos de livros dos seguintes autores: Zygmunt Bauman, Sigmund Freud, Joel Birman, Gilles Lipovetsky, Roque de Barros Laraia e Edmund Leach e artigos publicados nas revistas e bases de dados online: Scielo, Fractal: Revista de Psicologia, Saúde em debate e PSICANÁLISE & BARROCO em Revista. Utilizando os descritores: Tempo, Mal-estar, Contemporaneidade e Medicalização para as buscas de material.

Partindo da pesquisa teórica no campo da sociologia, do que seria o conceito de Tempo. Procuramos entender a representação do tempo a partir dos escritos de Bauman, dialogando com a noção de tempo na modernidade líquida. Os resultados e as discussões deste estudo estão apresentados em formato de capítulos, da seguinte maneira: no capítulo I, abordamos Consumismo, cultura e medicalização. Por fim no capítulo II, discutimos o conceito de mal-estar na civilização, constituição do tempo em Freud, e a medicalização na contemporaneidade.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

5.1 Consumismo, cultura e medicalização: o novo modus operandi na contemporaneidade

Zygmunt Bauman foi um dos maiores pensadores do século XX, sociólogo contemporâneo de vasta produção bibliográfica enriqueceu o entendimento do cotidiano atual ao abordar diversos temas, sendo um deles o consumismo. Bauman (2008) afirma que há uma distinção entre consumo e consumismo: o consumo em si não é nocivo, é uma necessidade vital humana; enquanto o consumismo é característica de uma sociedade cujos valores são excessivamente materialistas e o consumir está associado à concepção de identidade dos sujeitos de uma determinada sociedade.

A partir desse pensamento Bauman (2011) apresenta, como sintoma visível da modernidade líquida presente na sociedade contemporânea que o consumismo, não consiste no hábito de consumir apenas aquilo de que se necessita, mas representa o excesso de aquisições desnecessárias e supérfluas, as pessoas consomem, muitas vezes, para ostentação. Desse modo, as compras não têm relação com as respectivas necessidades, e são realizadas “[...] pelo tipo de imagem que gostaríamos de vestir e por modos de fazer com que os outros acreditem que somos” (BAUMAN, 2001, p. 87). Trata-se de um desejo caprichoso de consumir cada vez mais. Em vista disso, Bauman (2001) destaca que o consumismo é a manifestação da quebra dos sólidos em sua potência máxima, produzindo um mundo dos líquidos em que tudo é rapidamente desfeito assumindo assim novos arranjos sociais.

Quando se fala de consumismo, é necessário compreender o quanto esse conceito da economia está fortemente ligado à cultura e à medicalização, embora esteja relacionado a áreas diferentes, esses três temas se conectam quando o assunto se volta para a saúde. Para melhor compreensão do que é a cultura, é necessário buscarmos a sua referência na antropologia moderna, Laraia (2001) descreve que:

Culturas são sistemas (de padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante. (LARAIA, 2001, p. 59)

Em meio a esse contexto, Dantas e Ewald (2010) destaca que, na atualidade todas estas questões estão intimamente relacionadas há um novo modo de organização social na qual estabelece relação entre a cultura e o consumo, esta ação se tornou reguladora na sociedade

contemporânea. Ao passo que o modelo econômico capitalista visa um novo acordo social, de que o consumo dita as novas regras perante a cultura como afirma as autoras:

As novas práticas culturais, implementadas na modernidade, foram determinantes para que quase tudo se tornasse passível de consumo: todas as novidades em termos de experiências ou bens devem, então, ser exibidas e consumidas por representarem símbolos do progresso moderno, da civilização e da grandeza nacional. Assim, desde os últimos anos das primeiras décadas do século passado, há um intenso processo de remodelação cultural no que diz respeito as formas como os bens de consumo deveriam ser produzidas, vendidas e assimiladas pela vida cotidiana. (DANTAS, EWALD, 2010, p.278)

Após a segunda guerra mundial o mundo viveu o mais alto grau da produção e do consumo, esse período ficou marcado pelo estabelecimento da linha fordista de produção e do “milagre econômico” ciclo considerado prospero pois modificou a economia e as condições de vida da população por um bom tempo. Diante deste fenômeno houve transformações que propiciaram uma redefinição da cultura do consumo, que passou a ser entendida em termos da produção e de consumo em massa. Com o aumento dos padrões de consumo nos países capitalistas, criou-se necessidades insaciáveis e moralmente duvidosas, expandindo assim uma crise de valores a respeito da ética do trabalho e uma bifurcação do desejo entre o consumo respeitável e o consumo hedonista (Dantas e Ewald, 2010).

Como resultado do aumento do consumismo exacerbado e alienado, surgiu um novo fenômeno, conhecido como Era do Conformismo. Durante esse período, a população experimentou uma fase de entorpecimento cultural, influenciada pelo consumo e pelos interesses capitalistas de escoar a enorme produção de mercadorias padronizadas (Dantas e Ewald, 2010).

Baseado no modelo capitalista, a cultura do consumo tornou-se um elemento crucial na contemporaneidade. Isso levou a uma aceleração subjetiva do tempo e das informações, juntamente com a glorificação do dinheiro, que gradualmente passou a mediar todas as relações sociais. A cultura do consumo, já vinculada à lógica neoliberal, adquiriu novas características tanto no âmbito social quanto no individual. Isso estabeleceu a era da soberania do consumidor, um estágio que prevalece até os dias atuais (Dantas e Ewald, 2010).

Com o advento da evolução tecnológica de máquinas e computadores, a humanidade experimentou uma aceleração na comunicação, tornando-a praticamente imediata. Essa urgência em relatar a vida cotidiana evocou na sociedade novas formas de subjetividade, marcadas pela velocidade e imediatismo dos fatos e da própria vida. Segundo Dantas e Ewald (2010), temos uma sociedade moldada em modelos fluidos de controle da subjetividade, prazeres descartáveis e relações transitórias e obsoletas. Estamos falando de uma sociedade

fluida que se caracteriza pela tentativa de controle do tempo, do corpo e da vida. Uma vida de caráter trágico e finito, que comporta um intenso sofrimento.

Essa mudança de comportamento despertou na sociedade contemporânea, um mal-estar baseado no sofrimento pessoal/interpessoal e na fragilidade das relações sociais como afirma Bauman (2001), de que os laços e parcerias tendem a ser vistos e tratados como coisas destinadas a serem consumidas, e não produzidas; estão sujeitas aos mesmos critérios de avaliação de todos os outros objetos de consumo. Desse modo o consumo mais uma vez entra em discussão, consumir se tornou algo indispensável na contemporaneidade, no mercado de consumo os produtos duráveis são em geral oferecidos por um “período de teste” a devolução do dinheiro é prometida se o comprador estiver menos que totalmente satisfeito.

Ao estabelecer conexão entre o ato de consumir com as relações sociais fluídas Bauman demonstra, quanto o capitalismo tem influenciado na sociedade como um todo, parte desse mal-estar contemporâneo mantém-se alicerçado em um ideário de satisfação com o intuito de atribuir novos sentidos para as relações sociais.

Os laços humanos, como todos os outros objetos de consumo, não é alguma coisa a ser trabalhada com grande esforço e sacrifício ocasional, mas algo de que se espera satisfação imediata, instantânea, no momento da compra e algo que se rejeita se não satisfizer, a ser usada apenas enquanto continuar a satisfazer (e nem um minuto além disso), então não faz sentido “jogar dinheiro bom em cima de dinheiro ruim”, tentar cada vez mais, e menos ainda sofrer com o desconforto e o embaraço para salvar a parceria. (BAUMAN, 2001, p.153-154)

Como resultado da banalização dos laços humanos e da transformação de tudo em algo consumível, enfrentamos o que Bauman (2001) descreve como a precariedade da existência social. Esta precariedade inspira uma percepção do mundo como um conjunto de produtos destinados ao consumo imediato. Assim, a negociação de laços humanos duradouros pode se tornar extremamente difícil, especialmente quando o mundo é percebido como um conjunto de elementos a serem consumidos. Considerando essa ideia de consumo e de precariedade nos laços sociais, tem se configurado um novo modus operandi na sociedade, resultado de um modelo de organização social baseado no sofrimento, onde:

Pessoas inseguras tendem a ser irritáveis; são também intolerantes com qualquer coisa que funcione como obstáculo a seus desejos; e como muitos desses desejos serão de qualquer forma frustrados, não há escassez de coisas e pessoas que sirvam de objeto a essa intolerância. Se a satisfação instantânea é a única maneira de sufocar o sentimento de insegurança (sem jamais saciar a sede de segurança e certeza), não há razão evidente para ser tolerante em relação a alguma coisa ou pessoa que não tenha óbvia relevância para a busca da satisfação, e menos ainda em relação a alguma coisa ou pessoa complicada ou relutante em trazer a satisfação que se busca. (BAUMAN, 2001, p.154)

Por efeito da busca de satisfação, Bauman expõe uma ligação entre consumo e a individualização na qual ele nomeia de “consumização” segundo ele essa ação corresponde ao contrário da produção, em que o consumo é uma atividade solitária, irremediavelmente solitária, mesmo nos momentos em que se realiza na companhia de outros. Ou melhor o ato de consumir não abre espaço para a cooperação, pois somente a cooperação transforma os esforços diversos e dispersos em esforços produtivos. No caso do consumo, a cooperação não só é desnecessária como é inteiramente supérflua (Bauman, 2001).

Em vista disso, Bauman apresenta uma sociedade remodelada e marcada pela "fluidez", os aspectos relacionais sólidos de uma modernidade fixa se esvaem fomentando espaço para novas interações como: emancipação, individualidade, tempo/espaço, trabalho e comunidade, com a aquisição de novos significados tais aspectos que influenciavam a vida do sujeito de forma singular diferem de como se realizavam na era moderna. O processo de emancipação descrito por Bauman desencadeou um sentimento de autonomia, algo que os sujeitos pós-modernos experimentaram como parte do novo modo de organização social, na qual manteve a civilização em sucessivo movimento, não havendo a presença de um modelo único (Perez e Sirelli, 2015).

De acordo com Perez e Sirelli (2015), a fluidez manifesta na contemporaneidade é marcada por mudanças significativas. Isso é observado no funcionamento entre as concepções de tempo/espaço, saúde/doença, certo/errado, saudável/não saudável, público/privado e muitos outros. Esses conceitos não mais se apresentam de forma dicotômica, o que comprova que as estruturas pós-modernas não estabelecem uma regra fixa após sua modificação. Ao contrário, elas representam uma condição de incessante mudança, instaurando um fluxo contínuo de transformação na sociedade. Para simplificar a explicação o sujeito contemporâneo se encontra em um estado de fluxo permanente. Bauman (1998, p. 92) descreve que “ser moderno significa estar em movimento”. Em outras palavras, a modernidade é a incapacidade de permanecer estagnado.

O movimento de solidez e liquidez na modernidade nos faz pensar além de um simples modelo dual de relações, expande o leque de opções e acentua o debate para temas atuais e pertinentes, como felicidade e medicalização, pensar a felicidade na contemporaneidade é fazer um recorte da sociedade com relação ao tempo e ao consumismo, Lipovetsky (2007) aponta que na atual fase em que se encontra a sociedade de consumo, estão presentes de forma acentuada os valores do hedonismo, da busca incessante pela felicidade através da aquisição de bens materiais, da negação do sofrimento, dos lazeres, da leveza e do hiperindividualismo, a liquidez das relações junto a destradicionalização fez com que os sujeitos se sentissem livres e

ao mesmo tempo instáveis, a falta de segurança proporcionou uma desordem no âmbito pessoal, fazendo com que visse o consumo de bens e serviços como fontes de segurança e amparo, em meio a ilusão de tamponar as lacunas fabricadas, a medicalização se tornou uma alternativa rápida e menos dolorosa ao desamparo, sendo fortalecido pelo intenso discurso psiquiátrico e hegemônico do DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais).

Acsegrad e Tavares (2022) afirmam que o DSM visa padronizar os critérios diagnósticos das desordens que afetam a mente e as emoções, unidos à indústria farmacêutica e à publicidade, funcionam como dispositivos da medicalização, É observado, que a destradicionalização e o individualismo presentes na sociedade de consumo exercem um papel importante nos processos de sofrimento e desamparo vividos pelo sujeito. O consumo de bens, serviços ou medicamentos é frequentemente visto como uma tentativa de superar o sofrimento, uma vez que a experiência de sofrer não está nos planos de muitos. resultando a uma constante evitação ao sofrimento.

5.2 “O mal-estar na civilização” e a constituição do tempo em Freud, com vistas a medicalização na contemporaneidade

Ao analisar a interação do indivíduo com a civilização, é possível notar a influência significativa do contexto social na formação de sua subjetividade. As avaliações de valor, convicções e identidade do indivíduo são todos moldados por um “filtro cultural” durante o processo de autoconstrução. O ser humano se constrói dessa maneira, com pouco ou nada sendo pré-determinado. Ele é constantemente influenciado pela sociedade e pelo outro. Este outro, assim como o indivíduo, também é continuamente integrado na rede de subjetividade, que simultaneamente os molda e é moldada por eles (Perez e Sirelli, 2015).

Em “O mal-estar na civilização” (1930), Freud destacou a conexão profunda entre o Eu e o plano social. No entanto, a principal questão levantada por Freud é a angústia. Ele descreve a civilização como uma construção baseada na renúncia instintual, pressupondo a não satisfação através da supressão e repressão de instintos poderosos. Isso sugere que a angústia é uma resposta inevitável à tensão entre nossos instintos individuais e as demandas da sociedade. Essa “frustração cultural” domina o largo âmbito dos vínculos sociais entre os homens, para Freud a ideia de que a sociedade é inimiga da satisfação dos instintos humanos. Para viver em sociedade, é necessário que o indivíduo renuncie a certos aspectos de sua natureza individual. Segundo Freud (1930), é difícil entender como é possível privar um instinto de satisfação. Isso revela um processo que pode ser perigoso se não for adequadamente compensado, pois pode acarretar a graves distúrbios.

Assim como todo processo que envolve a sociedade, há um produto resultante desse movimento. O mal-estar na civilização descrito por Freud vai além das questões sociais, abrangendo especialmente os dilemas individuais. Freud (1930) destaca o sentimento de culpa como o problema mais notável da evolução cultural e argumenta que o preço do progresso cultural é a perda de felicidade, devido à adição do sentimento de culpa. Isso sugere que, enquanto a sociedade avança, os indivíduos podem se sentir cada vez mais culpados, o que pode levar à infelicidade.

A incessante busca por satisfação e felicidade gerou novas dinâmicas culturais e sociais na sociedade moderna. Segundo Freud (1930), existem dois aspectos nessa busca: um positivo e um negativo. Por um lado, busca-se a ausência de dor e desprazer; por outro, a vivência de intensos prazeres. No sentido mais estrito da palavra, “felicidade” se refere apenas ao segundo aspecto. Por algum motivo, essa divisão de metas fez com que as atividades humanas se desdobrassem em duas direções, dependendo de qual dessas metas se busca alcançar. Birman (2020) afirma que a tese central do mal-estar na contemporaneidade se concentra na experiência psíquica do desamparo. A presença trágica dessa experiência na subjetividade contemporânea e aterrorizante uma vez que essa subjetividade entrelaçada ao desamparo leva a individualidade sistemática do sujeito e de maneira incontestável, ao narcisismo, à crueldade e à eliminação.

De acordo com Freud (1930), é bem menos difícil experimentar a infelicidade. E a partir disso o sofrer se apresenta de três formas: essas fontes de sofrimento são nosso próprio corpo, o mundo externo e o outro. Nesta perspectiva, nosso corpo é retratado como uma fonte de sofrimento devido à sua finitude, condenado ao fim, à destruição e ao declínio. Freud argumenta que o corpo é uma fonte de sofrimento, pois não pode escapar da dor e do medo. Além disso, o mundo externo é outra fonte significativa de sofrimento devido ao seu perfil excêntrico e destrutivo, que pode nos afetar de maneira súbita e poderosa de forma que não sabemos controlar. Por fim, a relação com o outro, é caracterizada por seu desconforto, ambiguidade e inevitabilidade, é destacada como a origem da forma mais dolorosa de sofrimento.

O sofrimento ocupa um espaço considerável na vida dos indivíduos, especialmente na contemporaneidade, não que seja diferente da época de Freud. Porém grande parte do sofrimento é provocada pela infelicidade, que surge quando não conseguimos alcançar nossos objetivos. Essa insatisfação pode levar a um desgaste emocional significativo. Freud (1930) aponta que, o mal-estar e o sofrimento estão enraizados em qualquer civilização seja qual for o período ou lugar na história. O discurso contemporâneo propõe que a responsabilidade individual de aliviar o próprio sofrimento e de buscar a felicidade recai unicamente sobre o sujeito. No entanto, a busca pela felicidade pode ser considerada insuficiente. O que realmente

importa não é apenas o sintoma manifesto, mas o desconforto característico à condição de ser um indivíduo.

Em meio as incontáveis formas de sofrimento, observamos o sintoma se manifestando no sujeito contemporâneo, revelando um grande paradoxo da atualidade. De que, os sujeitos visam inúmeras estratégias para erradicar o sofrimento, por consequência, os indivíduos contemporâneos internalizam o discurso da busca incessante e da eliminação do sofrimento, a civilização constantemente enfatiza a qualidade de vida, a evasão da angústia, a segurança, o êxito, a felicidade, a busca pela saúde e pela satisfação dos desejos. No entanto, ao mesmo tempo, nossa sociedade contemporânea sofre com os “males da mente”, incluindo a rápida disseminação e a generalização epidêmica da síndrome do pânico, da depressão e do sentimento de vazio (Perez e Sirelli, 2015).

Perez e Sirelli (2015) afirmam que, a sociedade contemporânea parece empenhada em erradicar o sofrimento, buscando abolir a ideia de sofrimento como um aspecto natural da vida antes mesmo de ser devidamente explorada. O indivíduo hipermoderno é retratado como um “super-homem”, esperado para lidar com tudo a todo momento. A responsabilidade de alcançar a felicidade e a saúde por esforço próprio é enfatizada, e qualquer sinal de sofrimento é frequentemente interpretado como um fracasso nesse objetivo.

Birman (2020) destaca que, essa alteração elementar implica uma mudança nas formas de mal-estar que são prevalentes na contemporaneidade. Portanto isso nos permite comparar o mal-estar evidente na modernidade com o que ocorre na contemporaneidade. Isso ocorre porque o desconforto é o indicador privilegiado e o eco daquilo que se forma nas relações do indivíduo consigo mesmo e com os outros, expressando assim as coordenadas vitais que seriam características da vivência subjetiva. Em outras palavras, é necessário definir diferencialmente a condição do indivíduo, na modernidade e na contemporaneidade, através da interpretação de suas respectivas formas de mal-estar. Em suma, os moldes da estruturação do indivíduo são melhor evidenciadas pela percepção de suas formas de sofrimento.

Perez e Sirelli (2015) discorre que, na contemporaneidade, o indivíduo é considerado culpado por todos os êxitos e falhas. Espera-se que ele seja consciente e responsável por sua felicidade e por seu sofrimento. Seu mal-estar é um elemento constituído por meio da civilização e o indivíduo não pode ser aniquilado, é então categorizado e analisado através de sintomas classificados em categorias de CIDs (Classificação Internacional de Doenças) e DSMs (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais). Isso exclui a causalidade psíquica e reduz a angústia ao campo da anatomia. Assim, o mal-estar do indivíduo é reprimido, seja pela renúncia médica em ouvir a reivindicação inconsciente de seu sintoma, quanto pela

medicalização injustificada, que ao oferecer alívio rápido e indolor, desconsidera a subjetividade do indivíduo, reduzindo-o a um subitem em um manual psiquiátrico.

Diante desse contexto, o conhecimento médico sempre se concentrou na observação e no diagnóstico baseado em comportamentos observáveis. Em contraste, a psicanálise não vê o mal-estar psíquico do indivíduo como algo necessariamente proveniente de uma base biológica tal qual não precisa ser medicado, pois na clínica psicanalítica há o devido tempo e espaço para a escuta da subjetividade e da demanda inconsciente, que se manifesta através do sintoma do indivíduo. A psicanálise questiona a ‘primazia do olhar’ e dá lugar à escuta do indivíduo. Ela não reduz o indivíduo a um comportamento que pode ser classificado, estático e generalista, mas cria um ambiente e uma estrutura teórica que, em vez de tentar erradicar o sofrimento, sustenta o encontro do indivíduo com o mal-estar que lhe é inerente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há mais presunção sobre as modificações nos modelos de mal-estar na contemporaneidade, um contraste evidente com o que o discurso freudiano retratava de maneira incisiva. O cenário atual é francamente diferente, e todos concordam com isso. De fato, há uma remodelação nas formas de mal-estar, reconhecidas tanto pelo discurso psiquiátrico quanto pelo psicanalítico. Todavia, as discordâncias existem, não em relação à validação das mudanças em questão, mas sim à sua interpretação e às implicações resultantes. Birman (2020) Aponta que a psicanálise foi certamente surpreendida pelas transformações em andamento e ainda está aprendendo a lidar com os aspectos inéditos presentes. Como resultado, seu discurso oscila nas várias tentativas de destacar as transformações e as consequências inevitáveis que isso provoca na prática clínica.

O modelo biomédico segue alimentado pelo intenso discurso psiquiátrico hegemônico, o DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) ganhou destaque ao categorizar e patologizar síndromes e doenças que até então eram desconhecidas por boa parte da sociedade, esse feito colaborou para que a medicina se desenvolvesse, e em conjunto com a indústria farmacêutica fomentou a aceleração desse discurso capitalista e biologicista, de que o sofrimento é produto de uma doença e deve ser tratada como tal, com os novos modos de organização social e aceleração do tempo a sociedade atual se configura dependente de medicamentos elevando a medicalização, há uma posição de destaque na contemporaneidade visto que, a medicalização assim como o “tempo cronológico” foram estruturas criadas por nós, para satisfazer nossos objetivos particulares a partir de demandas em nosso ambiente. Esse fato se deu à medida que a medicalização é vista como uma resposta ao mal-estar na contemporaneidade, na qual o indivíduo, privado da crença de que pode fazer algo, busca através do hedonismo e da sensorialidade prazerosa fornecer algum prazer diante de tanta dor. Isso deu origem a uma cultura das drogas precisamente dita na contemporaneidade. Foi neste cenário histórico que a compulsão por medicamentos se difundiu como uma modalidade de ação, não se limitando mais ao campo do tratamento de doenças, mas sim naturalizando o consumo desenfreado de psicotrópicos (Birman, 2020).

Por fim concluo este artigo reconhecendo quanto o sofrimento psíquico do indivíduo contemporâneo está inegavelmente ligado a um sintoma cultural. O indivíduo enfrenta o sofrimento de diversas formas e é frequentemente medicado, limitado e julgado sem que suas necessidades sejam ouvidas ou que lhe seja permitido expressar o significado subjetivo de seu padecimento. Assim, neste contexto contemporâneo marcado pelo aumento do medo,

síndromes e depressões, proponho, por meio da psicanálise, não apenas observar a vasta epidemia de transtornos mentais como uma perspectiva diferenciada, mas também a ouvi-la. Compreender isso como o regresso sintomático de um mal-estar inerente ao indivíduo, que está constantemente sendo reprimido, negado e silenciado, seja por premissas farmacológicas autoritárias ou por discursos que excluem qualquer conceito de causalidade psíquica e reduzem o indivíduo ao que pode ser observado, listado e curado de forma imediata e supostamente eficaz.

REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, Marcio. TAVARES, Davi. Barros. A medicalização do sofrimento psíquico na cultura do hiperconsumo. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 34, p. e5825, 2022.
- BAUMAN, Zygmunt, **O mal-estar da pós-modernidade**. Zygmunt Bauman; 98-0771 tradução Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama; revisão técnica Luís Carlos Fridman. -Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Tradução Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: A transformação das pessoas em mercadoria**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BIRMAN, Joel. **O sujeito na contemporaneidade: Espaço, dor e desalento na atualidade**. 3ª ed. ampliada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional dos Psicólogos**, Brasília. Resolução n.º 10/05, 2005. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>
- DANTAS, Jurema Barros; EWALD, Ariane Patrícia. Medicalização e consumo: Um olhar sobre a saúde na contemporaneidade. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro (RJ), v. 34, n. 85, p. 274-287, abr./ jun. 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4063/406344814013.pdf>
- FREUD, Sigmund. **O Mal Estar na Civilização**. Em: FREUD, S. Obras Completas Volume 18: O Mal Estar na Civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e Outros Textos (1930-1936). São Paulo, Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, Sigmund. **Psicologia de grupo e análise do ego**. In: Ed. Standard das Obras Completas, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra originalmente publicada em 1921).
- LARAIA, Roque de Barros. Cultura: **Um conceito antropológico**. 14. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.
- LEACH, Edmund. Dois ensaios a respeito da representação simbólica do tempo. **Repensando a antropologia**, 191-209. 1974.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal: Ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.
- PEREZ, Mylena.; MARTINS SIRELLI, Nilda. A medicalização do mal-estar: A escuta psicanalítica como um modo de resistência. **Psicanálise & Barroco em Revista**, [S. l.], v. 13,

n. 2, 2018. DOI: 10.9789/1679-9887.2015.v13i2.%p. Disponível em:
<https://seer.unirio.br/psicanalise-barroco/article/view/7337>. Acesso em: 28 jul. 2023.

RODGERS, Mark.; ARAI, Lisa.; BRITTEN, Nicky.; PETTICREW, Mark.; POPAY, Jennie.; ROBERTS, Helen.; et al. Narrative synthesis in systematic reviews. Manchester: **ESRC Research Methods Programme**, 2007. Disponível em:
<https://www.lancaster.ac.uk/media/lancaster-university/content-assets/documents/fhm/dhr/chir/Rodgersetal.pdf> Acesso em: 29 nov. 2023.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. v-vi, abr./jun. 2007. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ape/a/z7zZ4Z4GwYV6FR7S9FHTByr/?lang=pt>. Acesso em: 27 nov. 2023.

TEMPO. In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em:
<https://www.dicio.com.br/tempo/>. Acesso em: 04 jun. 2023.

VOSGERAU, Dilmeire Sant'Anna Ramos; ROMANOWSKI, Joana Paulin. Estudos de revisão: Implicações conceituais e metodológicas. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 14, n. 41, p. 165-190, abr. 2014. Disponível em
http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981416X2014000100009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 29 nov. 2023.